

Profa. Dra. Marilena A. Jorge Guedes de Camargo  
Universidade Estadual Paulista – Campus de Rio Claro, SP.  
Departamento de Educação.

### Práticas Escolares Mais “Marginais”

O tema proposto no 18º Congresso de Leitura do Brasil chama-nos a atenção: “Há muitas armadilhas no mundo e é preciso quebrá-las” (Ferreira Gullar).

Armadilhas que são estratégias do engano, das máscaras, das perspicácias de sedução. Armadilhas são nada mais que um fascínio de falsas aparências. E as armadilhas levam os homens a uma perda de sentido nos diferentes campos e atividades. Há um enfraquecimento do homem moderno a ponto de estar perdendo a sua sensibilidade, a sua esperança.

A escola também não se livra dessas ciladas. O aluno, seja ele do ensino fundamental, seja do ensino médio, até mesmo do superior, encontra-se num estado de afastamento da leitura e da escrita, num vazio que o domina, e ele nem sabe disso. A sua tendência é a autodestruição porque ele proclama o sujeito em si mesmo, negando o próprio sujeito.

É preciso quebrar as armadilhas. Para isso, encontramos uma convergência de tentativas diversas, como há também múltiplas influências e deslocamentos, explorações, ensaios e uma infinidade de possibilidades. Precisa-se recuperar a memória, porque nós a estamos perdendo.

Por falar em recuperar a memória, nada melhor do que se falar nos “álbuns de memória”. E nada melhor do que se lembrar dos álbuns de memória a partir da década de 1930, quando eles povoaram as nossas Escolas Normais e os Ginásios.

Nos álbuns de memória, encontramos gestos, atitudes, ternuras, presenças, expressões associados ao processo de institucionalização escolar, mas que se destacam como práticas escolares que representam nuances da cultura escolar brasileira.

Portanto, os álbuns são associados ao processo de institucionalização escolar, mas estão ligados às experiências de vida de quem neles escreveu. E há uma maneira diferente na escrita deles.

Neles não dominam expressões formais, eles não trazem linguagem científica e nem têm um caráter discursivo. Também importam menos os princípios fundamentais da razão. E o mais interessante é que a escola, onde nasceram esses álbuns, era vista, na época, como um órgão de fecunda circulação da atividade intelectual. Entretanto, os que escreviam

nos álbuns davam impressão de que não projetavam a imagem de “bons escritores” e de “bons leitores”.

Os álbuns caracterizam-se por práticas que traduzem os comportamentos, os sonhos, as expectativas como outras práticas, mas sem a preocupação de “produzir” qualquer base de conhecimento. Por isso, são práticas escolares chamadas de práticas mais “marginais”.

Fiz uma pesquisa que deu origem à minha tese de doutoramento na USP e tinha por orientadora a Profa. Dra. Marta Maria Chagas de Carvalho. Essa tese virou o livro “‘Coisas Velhas’: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958)”. O álbum de memória foi uma parte da minha pesquisa.

Os álbuns de memória foram encontrados juntos com outros materiais escolares, como livros, cadernos, bordados, desenhos, pinturas, jornais escolares de uma escola pública, o Joaquim Ribeiro, de Rio Claro-SP.

Tracei algumas perspectivas com o propósito de dar a esses materiais escolares, que eu chamei de “coisas velhas”, suportes materiais de discursos vários que neles se configuraram como dispositivos de constituição das práticas escolares.

Encontrei 21 álbuns de memória, que pertenceram a ex-alunas da escola Ribeiro, dos anos de 1928, 1932, 1934, 1939, 1941, 1947, 1948, 1953, 1955, 1956 e 1958. Esses álbuns não foram encontrados no espaço-escola, mas nas residências de ex-alunas. Estavam nos armários ou estantes entre “muita papelada”, como revistas, livros antigos e velhos, outros em malas antigas e o mais interessante é que alguns estavam escondidos nos porões das velhas residências.

A esses álbuns de memória, a maioria das entrevistadas refere-se como “algo por que temos carinho”, “tenho afeição” e como depositários de “segredos” e “confissões íntimas”.

Poderia dizer que são fragmentos–textos da escola que nós interpretamos dando-lhes significado de várias maneiras. São fragmentos–textos, que não podem ser tratados como simples documento, pois estão situados em relação a outros textos. Como diz Roger Chartier, “obedecem a processos de construção onde se investem conceitos e obsessões dos seus produtores e onde se estabelecem as regras de escrita próprias do gênero” de onde surgem. Os textos têm relação com o real e esse “real assume um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita” (Chartier, p.62). Os textos garantem, assim, a sua especificidade quando diante de outros textos.

Encontrei nos álbuns idéias e percebi, entre elas, um fluxo emotivo. Quer dizer,

essas idéias não eram de um sentido formal e acadêmico, antes passava entre elas um movimento de sensibilidade e de ternura. Isto me impressionou, pois fugia às regras, às normas, aos preceitos.

Percebi, portanto, que esses álbuns são portadores de múltiplas práticas e de pensamentos de uma “cultura letrada” diferente. Neles estão associados o “saber” e a “opinião cotidiana”. Às palavras correspondem gestos, atitudes, ações, desejos. A impressão é de que havia um cruzamento, até mesmo dos contraditórios, como o amor e o ódio, a agressividade e a ternura.

Porém, me chamou a atenção que esses álbuns eram semelhantes quanto à forma, modelo e conteúdo. Então, classifiquei-os em dois tipos: álbuns de intimidade e álbuns de recordação.

Álbum de intimidade, também chamado diário pessoal, ou simplesmente diário, é lugar das confidências, segredos, fragmentos de lembranças amorosas, cartas, fotografias femininas. As mulheres utilizavam-se desses álbuns e, na pesquisa que eu fiz, não encontrei nenhum homem que o utilizasse. Os álbuns têm um caráter secreto e explicita-se muitas vezes por advertências. Dou dois exemplos de entrevistadas a quem oculto os seus nomes, por uma questão de ética, e porque elas me proibiram de mostrar a alguém.

Uma delas disse-me: “Não mostre a ninguém o meu álbum; não revele o meu nome a ninguém; o que está aí no álbum é confidencial; por favor, este álbum estava escondido. Você, depois de mim, é a única que passa a saber que tenho este segredo; pode fazer uso do que tem neste álbum como quiser, mas não diga o meu nome ... é segredo, meu marido nem sabe que existe esse álbum” (Camargo, p.76-77).

A outra, a que chamei “Aluna C”, estabeleceu com o álbum uma relação de intimidade: “Tu amigo, relicário de minhas amarguras, me deixes sair de minha alma interior e expressar para fora de mim mesma. Quero escrever só para ti, álbum querido” (Camargo, p.79).

Pareceu-me que, em suas palavras, elas queriam registrar a “interioridade”, daquelas que se encontravam interiormente presas. Mostram que estariam atormentadas, perguntando a si mesmas quem elas eram, quais os seus endereços dentro delas mesmas.

Gostaria de lembrar uma citação de Mattéi, quando ele retoma Nietzsche que, por sua vez, “retoma a imagem kantiana da pomba que tem a ilusão de poder voar no vazio. Tendo cortado as pontes, tendo rompido com a terra, o homem embarcado no oceano do infinito se encontra só, em face de si mesmo: ‘Ó pobre pássaro que te sentiste livre e que daqui por diante esbarras nas grades de semelhante gaiola!’”(Mattéi, p.170).

Esse recolher para a interioridade tem um perigo, e Mattéi cita Heidegger, quando ele diz que é o “perigo da autodestruição”. Mas, por outro lado, Mattéi diz que essa “interioridade não se reduz ao que há de sensível no homem e, portanto, àquilo que sentimos; ela remete, ao contrário, ao que é exterior a todo elemento sensível, essa ‘exterioridade’, to exo, devendo ser entendida como uma exterioridade em relação ao ‘conjunto do mundo’” (Mattéi, p.130).

Basta-nos voltar a nós mesmos, ao pensamento que existe conosco, para sentir de imediato essa outra presença que nos leva a pensar.

Numa ocasião, ao fazer uma pesquisa que vim a publicar, retomei algumas práticas dos anos 1930, 1940 e 1950, observadas na Escola Joaquim Ribeiro, e outras do Colégio Puríssimo Coração de Maria, de Rio Claro. Disse-me uma estudante:

“Via ‘homem’, naquele tempo, como aquele que podia tudo; assim, ir a qualquer lugar, que ninguém reparava, até achavam-no ‘machão’. Enquanto isso, a mulher jovem ficava em casa, no seu quarto, à sua escrivaninha, com o seu livro de leitura” (Camargo, 2006).

A retirada da estudante era para a interioridade com o livro de leitura e o seu diário do qual “nunca ela se apartava”.

Pois bem. A prática de preparar os álbuns e o imaginário que neles se articulava era diferente no final dos anos de 1950. O foro da intimidade e do segredo foi aos poucos sendo abandonado para dar lugar à nova sociabilidade e a novos valores, como: “lutar”, “ser forte”, “grandes aspirações da mulher”, “vencer na vida”.

O álbum de recordação reúne escritos de vários colegas, de professores e mostram laços afetivos nas relações entre professor e aluno que extravasavam o ambiente escolar. Também nele escreveram os conferencistas, assim como Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Antonio D’Ávila, Silveira Bueno, Fernando de Azevedo, que passavam pela escola. Reúne grande número de poemas, pensamentos de escritores e pessoas consideradas “ilustres”. Pelo fato de ser manuseado por várias pessoas, a prática de produzi-lo era geradora de relações no ambiente escolar.

Os álbuns de recordação eram utilizados pelas mulheres, e também pelos homens, embora em menor número. Já o mesmo não acontece com os álbuns de intimidade, pois como falei, não encontrei, em minha pesquisa, nenhum álbum de intimidade que pertencesse aos homens.

O que ocupa lugar central nos álbuns de recordação?

As poesias, pois, dos anos de 1930 ao final dos anos de 1940, eram o que mais os alunos escreviam. Foi a partir de 1950 que a escritura nos álbuns de recordação se transfor-

mou, passando a haver um domínio da prosa. Na pesquisa, os álbuns examinados reúnem 3.051 poesias. Nelas, prevalecem temas sentimentais, de gosto romântico, trabalhados segundo convenções parnasianas.

As poesias mais freqüentemente transcritas nos álbuns eram as de Guilherme de Almeida, Olavo Bilac, Machado de Assis, Coelho Neto e, entre elas, a que aparecia em número maior era “Beijos”, de Guilherme de Almeida.

Esses álbuns parece que trazem no seu conteúdo sujeitos apaixonados pela vida e pela natureza, coisas até estranhas nos dias de hoje.

Fala-se em nacionalismo, florestas do Brasil, do solo da Pátria, do meu lar, da intrepidez dos bandeirantes. E há muitos desenhos coloridos, muitos dos quais feitos a nanquim.

Um álbum que se destacou dos demais era o de Maria Luiza Rehder, veiculado em 1934. Nesse álbum, dizeres patrióticos na abertura: “Paulistas! Ama a este Brasão e a esta bandeira, é aí que resume a vossa Pátria! Tudo Por S. Paulo!”

Interessante é a prática de marcar, a lápis, os nomes dos colegas em cada página do álbum, como lhes reservando-lhe “um lugar”, o que implicava em exclusão de outros. Maria Luiza explicou-me que havia a questão de preferência por alguns. Todos os álbuns se encerravam com dizeres de “saudades”, ou usavam de expressões como “nostalgia da separação”.

As mensagens no álbum são bastante padronizadas, pois atualizam um mesmo modelo de mulher, variando apenas na seleção de atributos de “beleza” ou de “inteligência”. Assim: “Você que é distinta e delicada... tem um mundo de qualidades”. “Não há beleza que se note, mas certo encanto que seduz”. “Você que é bonita, de virtudes e valor espiritual” (Camargo, p.81). As mensagens assumem forte função conotativa, persuadindo a dona do álbum a aderir aos estereótipos propostos.

O que é notório, também, é que as mensagens deixadas pelos professores nos álbuns estruturavam-se como ordens explícitas de submissão à autoridade escolar. Assim: “ouça os conselhos do professor e os siga”; “siga as ordens e esforce-se para ser uma jovem de qualidades e de virtudes”; “estude e aprenda as lições de moral dadas por esse seu professor”; “instrua-te como se a vida fora eterna e viva como se a morte fora amanhã” (Camargo, p.80-81).

O que eu notei, quando relia os álbuns, é que, em todos, há uma frase que tem referência à escola, aos seus pais e aos professores. Ou também, formas de convivência escolar.

Nos álbuns de intimidade, como também nos de recordação, alunas colocavam pétalas de rosas dos mais variados tamanhos que tinham sido deixadas como galanteios nas portas de suas casas após as serenatas, nas madrugadas. Escreviam versos, ilustrando-os com de-

senhos que tomavam como motivo o “dia de núpcias”.

Nos álbuns de memória, o passado do sujeito proprietário não se limita ao seu passado pessoal, mas envolve o passado de todos aqueles com quem ele se comunica e mais o presente de quem observa. E a memória é quem traduz as relações e posições daqueles que constituem um grupo ou comunidade de pessoas com os seus gestos, suas atitudes, os seus usos de palavras, os seus sentimentos. Lembro-me de Gustave Le Bon: “As idéias movem os mundos, mas antes devem transformar-se em ‘sentimentos’”.

Por isso, “ao historiador não cabe apenas um papel descritivo de quem conta fatos e fornece contextos. Ao historiador cabe recuperar as memórias e os fragmentos individuais e torná-los compreensíveis” (Cytrynowicz, p. 136). Interessa-nos, nas investigações, tomar os materiais como fontes de pesquisa, porque eles fornecem indícios que permitem “circunscrever as possibilidades latentes de algo que nos chega apenas por meio de documentos fragmentários e deformados” (Ginzburg, 1989, p.28).

O álbum de memória não é solução para resolver o problema da leitura e escrita, mas uma forma de registro da intimidade recorrente em outras formas de leitura que levam ao sentimento coletivo e à alteridade.

Hoje, talvez, da escola fiquem apenas uns momentos dos processos, dos ofícios, atos, decretos, portarias da direção, termos de visita, livros do registro administrativo, fotografias, jornais da escola e outros documentos. Há, por assim dizer, ainda, uma variedade de registros institucionais. Mas onde estarão os registros pessoais, as trajetórias tanto individuais como coletivas das pessoas que por lá passaram?

## BIBLIOGRAFIA

CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. “Coisas Velhas”: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo, SP: UNESP Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. Práticas de leitura dos estudantes; a exclusão das mulheres. In: Leitura: Teoria & Prática/ Associação de Leitura do Brasil, ano 24, n. 47, setembro (2006), Campinas, SP: SP-SP: Global Editora, 2006.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil Editora, 1990.

GINZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: UNICAMP Editora, 2003.

MATTÉI, Jean-François. A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno. Tradução de Isabel Maria Loureiro. São Paulo, SP: UNESP Editora, 2002.